

DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSUNTOS ANGOLANOS

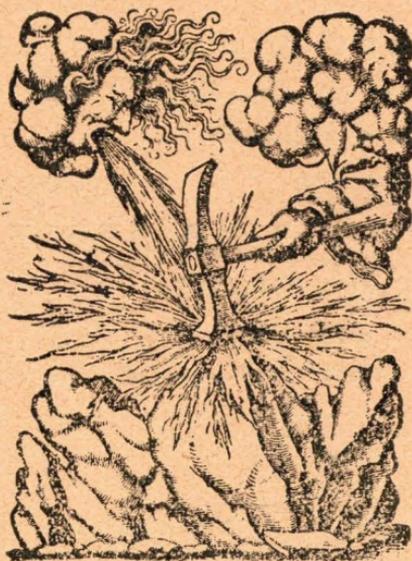
(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiqário amator)

COLABORADORES — SELECCIONADOS



SUMÁRIO:

*A vida administrativa, económica e militar de Angola-Me-
nina* — *Catálogo dos Governadores de Angola* — *O deportado
político dr. Seabra da Silva, nas Pedras-Negras* — *A prè-his-
tória do Congo-Belga* — *Catumbela-das-Ostras* — *A febre-ama-
rela em Luanda* — *Pacaças & Mosquitos* — *A quitanda de Ben-
guela-a-Nova* — *Questões Marítimas Internacionais*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1933

AGENTE:
AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 196

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—**MINERVA**, na Travessa da Sé

—**A LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia

SEGUNDA SÉRIE

Preço de cada número avulso.....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

PRIMEIRA SÉRIE

Vendem-se algumas colecções:

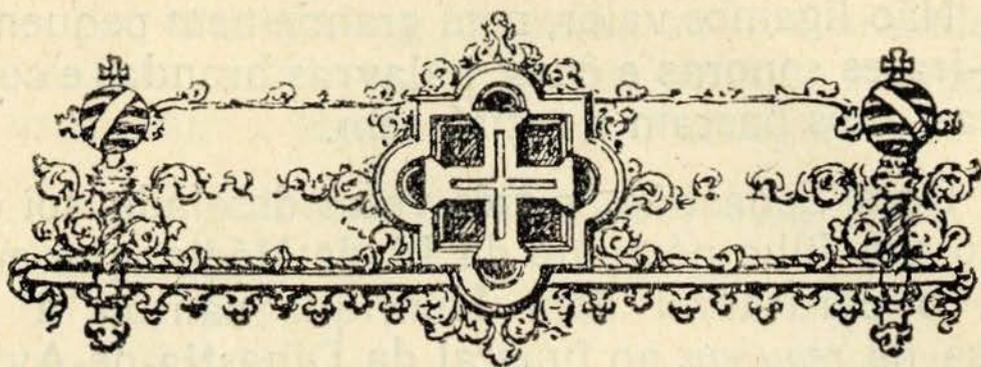
Os 10 números, em brochura.....	120,00
Num volume cartonado.....	130,00
Número avulso	12,00

Nóta do p. R. — Certa casa comercial comprou-nos 200 colecções, que lhe foram vendidas, cada uma por 40,00. Agora está a vender cada uma, em brochura, por 200,00!!!

Isto não se chama negócio...

Chama-se, por exemplo, um... prémio de... lotaria, como diz o nosso Compadre Sr. Amadeu Amorim.

Sic vos, non vobis ...



VIDA ADMINISTRATIVA,
ECONÓMICA E MILITAR
DE
ANGOLA

no govêrno de

PAULO
DIAS
DE
NOVAIS

PELO PADRE RUELA

(1575/1589)

—«Conquistar e povoar a Índia, Brasil, Angola e Mina»: uma das máximas do Memorial de el-rei dom Sebastião.

(Ao Ex.^{mo} Professor do Liceu da Huila, Sr. Cap. GASTÃO SOUSA DIAS, também ilustrado cultor da história militar de Angola.)

1—O método das proporções justas

ou

A medida e pêso do critério histórico

PARA NÃO LHES CHAMAR, REDONDAMENTE, idiotas, são ignorantes, pelo menos, aqueles indivíduos que pretendem apreciar com a mentalidade do nosso tempo os factos passados, que vamos narrar: não é uma polémica barulhenta ou escandalosa, quando muito—uma socegada lição... queremos dar aqui.

Não ligamos valor, nem grande nem pequeno, às—frases sonoras e ôcas: palavras brandas e concretas—nos bastam e satisfazem.

Dom Sebastião, o três vezes desejado, foi de facto um filho póstumo da Idade-Média: por sua vez, o cardeal-rei dom Henrique cantou a . . . missa de *requiem* no funeral da Dinastia-de-Avís.

Em Alcácer-Quibir, não sòmente o exército de dom Sebastião, mas Portugal inteiro foi vencido. . .

—*Dom Sebastião perdeu-se para salvar o reino. Se com êle e os seus nobres cavaleiros se perdeu o reino, foi só porque na alma-nacional já não havia, como na sua, ideal reigente, intrepidez audaz, energia poderosa.*—

2—A caricatura do Mestre-de-Avís

e

A nossa escravidão de 60 anos

Na verdade, a política legalista favoreceu a pretensão de Filipe II à herança da coroa de Portugal.

Não falta quem escreva e demonstre que tal pretensão era. . . ligítima.

Dos males — o menor foi.

O Prior-do-Crato não representou mais do que uma simples caricatura do Mestre-de-Avís . .

Na arruaça ou naquele conflito armado de Alcântara, as fôrças do Duque-de-Alba receberam e assinaram a hipoteca de... Portugal...

... hipoteca por 60 anos e com juros, que foram ruinosos!!!

3—Paulo Dias de Novais

e a

Perda da nossa independência

O desastre de Alcácer-Quibir e as consequências tristes e desgraçadas que se desenrolaram na nossa Mãe-Pátria — não podiam deixar de abater o ânimo moral de Paulo Dias de Novais, embora externamente aparentasse uma coragem sempre valente e destemida.

Era um fidalgo brioso e sabia pesar a responsabilidade da sua grande emprêsa: para segurar os seus trabalhos da conquista de Angola, aqui ficou firme no seu pòsto.

A 12 de Junho de 1581, o governador da ilha de Sam-Tomé — licenciado António Monteiro Maciel, juizes, vereadores e mais pessoas da governação aclamaram ali el-rei dom Filipe I ou II, e mandaram cartas, para que o mesmo acto se fizesse nos reinos de Congo e Angola.

Ainda não encontrámos notícia alguma sôbre a dáta da aclamação de Filipe na conquista de Angola: Paulo Dias teve de aceitar os factos consumados.

4—Os trabalhos militares de Paulo Dias

e a

Péssima administração pública

Consideradas ou medidas ou pesadas assim tôdas as penosas circunstâncias desta época de decadência moral e física, passamos a examinar ou a criticar os factos concretos: as páginas da História-de-Angola, que nós aqui escrevemos ou recordamos, não são mentirosas ou falsas, mas verdadeiras e reais...

Na emprêsa ou conquista de Angola, Paulo Dias de Novais lutou sempre com as maiores dificuldades, tanto de soldadesca como financeiras.

Porque andava muito ocupado com a guerra no sertão, não podia, como devia, fiscalizar os serviços da fazenda nacional e cortar os abusos gravíssimos, cometidos pelas pessoas, pouco ou náda escrupulosas, que, investidas nos cargos públicos, assistiam na então vila de Sam-Paulo de Luanda.

Plenamente, absolutamente, concordamos: Paulo Dias de Novais foi sempre um militar valente e brioso!

Ainda hoje, nestas duas margens do rio Quanza retumba o eco heróico de suas façanhas lusitanas!!!

Ora... foram êstes trabalhos militares ou guerreiros o fatal impedimento à sua obra administrativa e económica.

Não teve tempo para fiscalizar as contas públicas: nem, sequer, zelou os seus próprios interesses.

5—Maus funcionários

e sem

Esscrúpulos

Não foi feliz Paulo Dias de Novais com a carga de gente civil, que trouxe na sua companhia.

Com tal raça má de chatins ou com tais ladrões teve Paulo Dias de ser... tolerante e... pródigo e... prudente: esta é que é a triste verdade tôda, nua e vestida, crua e cozida.

Se não fizesse a vista alta ou grossa a muitos dos abusos ou crimes que eram praticados, bastava a calúnia ou acusação de infiel à Castela, para, num momento, vir substituto, e... até, cegos pelo egoísmo, eram capazes de o... amarrar de pés e mãos ou de o... matar.

Com esta corja de gentinha, assim falha de dignidade ou de hõnra ou de conciência, não admira que os próprios espólios dos defuntos, que deviam ser um objecto ou depósito sagrado, fõsem roubados!!!...

Já anos antes, lá pelo Reino-de-Congo, acontecia o mesmo...

... e ainda hoje acontece!!!

No caminho ou escada da virtude, o progresso tropical tem pouco avançado ou subido: se não é progresso de... caranguejo, é de... tartaruga ou cágado.

O maldito, mil vezes maldito, *salalé* tem... costas larguíssimas para carregar as responsabilidades dos espólios que... roe e dos que... não roe.

Poucas vezes — de verdade ou com culpas e proveito... *abundoso*.

Quási sempre — inocente e caluniado, coitadinho!!!...

(*Continua*)

Presídio

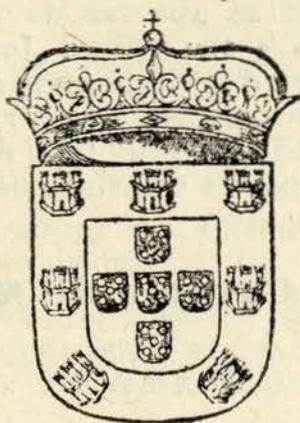
Março

de

de

MUXIMA,

1933.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1640...

Efemérides Provinciais

CATÁLOGO

— DOS —

GOVERNADORES DE ANGOLA

*(Pelo Cónego JOSÉ MATIAS DELGADO,
que Deus haja).*

(Continuação da página 32)

XXIV—Os três capitães-móres:

BARTOLOMEU DE VASCONCELOS DA CÚNHA,
ANTÓNIO TEIXEIRA DE MENDONÇA E
JOÃO JUZARTE DE ANDRADA.

Foram eleitos pelo Povo, em Maio de 1646, depois da morte de Francisco de Souto Maior. Esta dáta consta nos catálogos antigos.

XXV—Bartolomeu de Vasconcelos da Cúinha

Apoderou-se em Maçangano do Govêrno, na noite de quinze de Agosto de 1648, quando Salvador Correia, com a sua gente, lidava já na reconquista de Luanda!!!

A data ou facto de se apossar do governo consta de uma Carta do antigo capitão e seu colega João Juzarte de Andrada, que, em 30 de Março de 1653, impugnou a eleição de Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha para governador, à morte de Rodrigo de Miranda Henriques. Andrada era Juiz e Camarista então. Tal Carta está junta ao original da Consúta de 26 de Agosto de 1653.

XXVI—Salvador Correia de Sá e Benevides

DÁTAS

Foi nomeado em 8 de Abril de 1647. A sua patente tem a data de 20 de Setembro do mesmo ano, *enquanto o Rei o houvesse por bem e não mandasse o contrário*. Teve as honras de Governador e Capitão-Geral do Reino-de-Angola.

Assumiu o governo em 15 de Agosto de 1648.

PRÓVAS

A data de sua nomeação consta da Consúta de 10 de Maio de 1647. Livro II das Consútas-Mixtas, ao fúndo, na fôlha 38.

A sua patente está na Chancelaria de dom João IV, Livro 18, fôlha 281, verso.

Não foi registada no Livro I dos officios, no Arquivo do Conselho-Ultramarino.

Foi governador até 2 de Março de 1652.

«FAC-SIMILE» da assinatura de Salvador Correia

XXVII—Rodrigo de Miranda Henriques

D Á T A S

Foi nomeado Governador e Capitão General do Reino-de-Angola em 27 de Fevereiro de 1651.

A sua patente é de 24 de Maio de 1651 *por três anos ou mais enquanto El-Rei o haja por bem e não mandar o contrário. Terá o ordenado que lhe toca por Regimento desde o dia de sua partida de Lisboa.*

Chegou ao pôrto de Luanda em 2 de Março de 1652 e ali morreu em 14 de Fevereiro de 1653.

P R Ó V A S

A sua nomeação consta da consúta de 24 de Março de 1650, no Livro II das Consútas-Mixtas, à fôlha 222.

A sua patente é de 24 de Maio e não de 4, como diz Lopes de Lima. Está no Livro II dos officios, à fôlha 239, verso, e na Chancelaria de dom João IV, Livro 24, à fôlha 101.

A data de sua chegada à Luanda consta da consúta de 29 de Julho de 1652, que está no Livro III das Consútas-Mixtas, à fôlha 8.

A data da morte é dada em sete documentos e é dupla. Três dizem que foi em 12 de Fevereiro e quatro que foi em 13. A de 12 é dada pelo Governador, que lhe sucedeu e pelo Vigário-Geral Francisco Vás de Rêsende, respectivamente nas Cartas de 26 de Maio de 1653 e de 10 do mesmo.

Inclino-me para a data de 12, por me parecer de mais confiança.

O original da consúta de 26 de Agosto de 1653 é acompanhado de 14 documentos, respeitantes à eleição do Governador seguinte: entre êstes, estão os 7 de que falo.

**XXVIII—Bartolomeu de Vasconcelos
da Cúnha**

Creio que tenha sido eleito em 14 de Fevereiro de 1653. Os documentos dizem que a eleição foi feita no dia seguinte ao entêrro de Rodrigo de Miranda Henriques. Ora, tendo êle morrido em 12, é provável que tenha sido enterrado em 13 e a eleição, portanto, em 14.

XXIX—Luís Martins de Sousa Chichorro

D Á T A S

Foi nomeado em 13 de Agosto de 1653. A sua patente é de 29 do mesmo mês e ano, tal e qual como a de Rodrigo de Miranda Henriques.

Chegou à Luanda em 5 de Outubro de 1645 e tomou posse em 7.

Safu de Luanda em Julho de 1658.

P R Ó V A S

A data de sua nomeação consta da consúita de 27 de Novembro de 1653, no Livro III das Consúltas-Mixtas, à fôlha 58.

A sua patente está só no Livro III dos officios, à fôlha 49, verso. Não está registada na Chancelaria de dom João IV, como devia.

A data da chegada à Luanda consta de uma carta de Bartolomeu de Vasconcelos da Cúnha para El-Rei datada de 15 de Fevereiro de 1655 e está dentro do Original da consúita de 19 de Julho de 1655.

A data da posse é dada pelo próprio Chichorro em uma Provisão sua de 30 de Julho de 1656, a favor do capitão Manuel de Tovar Froes, a qual provisão está em um caderno de certidões a favor do mesmo, nos Papéis de serviço, em 1656.

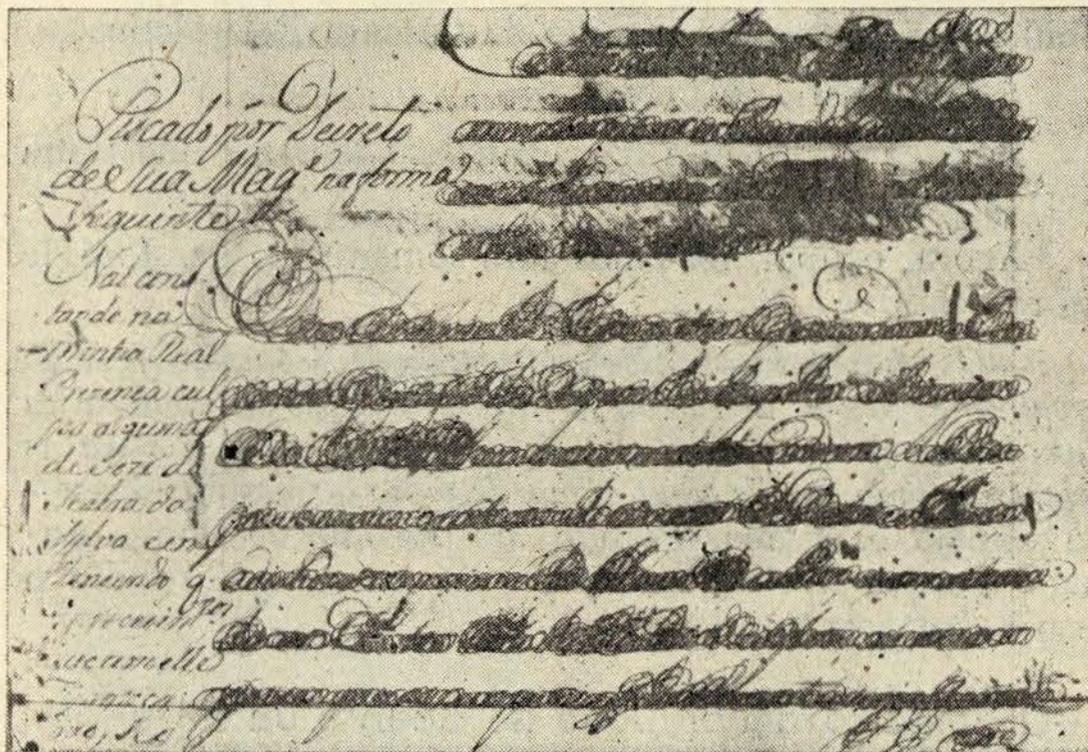
A saída de Luanda é dada por Cavazzi, à página 405 do seu conhecido Livro.

LISBOA,
Janeiro, 1929.

Jose Mathias Selgas

No Presídio das Pedras-Negras...

O DR. JOSÉ DE SEABRA DA SILVA
(Deportado político)



Fac-simile de um DOCUMENTO referente ao dr. José de Seabra da Silva, riscado conforme o decreto de 21 de Outubro de 1778 —(LUANDA—Livro do expediente da Secretaria-Geral de Angola.—Na fôlha 23).

1) — No tempo do Marquês-de-Pombal...

NO TEMPO DO MARQUÊS-DE-POMBAL, que foi grande em tudo, até no despotismo, vieram desterrados para Angola centenas de deportados político-religiosos de tôdas as classes sociais, com residência fixa sem fim — muitos, com a nota de *Dê-se-lhe aí consúmo...* — alguns.

Por causa do louco e desgraçado padre Gabriel Ma-

lagrida, para cá foi mandado de castigo, como bispo-eleito, o velho frei Francisco de Santo Tomás, da ordem dominicana.

Sobre este membro do tribunal do Santo-Ofício, que tem retrato a óleo na galeria do Palácio Episcopal de Luanda, temos já bastantes verbetes ou apontamentos, colhidos nos Livros do arquivo da Câmara Eclesiástica.

Ficarão para outra vez...

Bem caro custou a frei Francisco mostrar que tinha delicada consciência!!!...

Agora, ocupar-nos-emos tam somente do dr. José de Seabra da Silva.

—*Os azires da política, no tempo de Sebastião José de Carvalho e Melo, atiraram o ministro José de Seabra da Silva da amarroquinada poltrona de direita espalda para as esteiras ou mabelas de uma cama de máto—*: assim escreveram Capêlo & Ivens, quando, no presídio de Pungo-Andongo, contemplaram as ruínas da casa onde residiu o nosso deportado político.

2)—O destêrro do dr José de Seabra da Silva

Nas férias do Natal de 1927-1928, depois de muito tempo ou de dezenas de vezes pedir, conseguimos licença dos srs. capitão Augusto Casimiro e Cipriano José Jeremias para estudar o Arquivo da antiga Secretaria-Geral de Angola, cujos papéis velhos e antigos estavam então amontoados nos dois quartos da guarda da chamada Cadeia-Velha de Luanda, na rua de Diogo Cão.

Passámos tudo pelas nossas mãos e rápida vista, porque o tempo foi pouco: mesmo assim, achámos tudo o que procurávamos e muitas outras coisas mais de capital importância histórica.

Por exemplo: este DOCUMENTO, que aqui apresentamos, não deixa de ser expressivo.

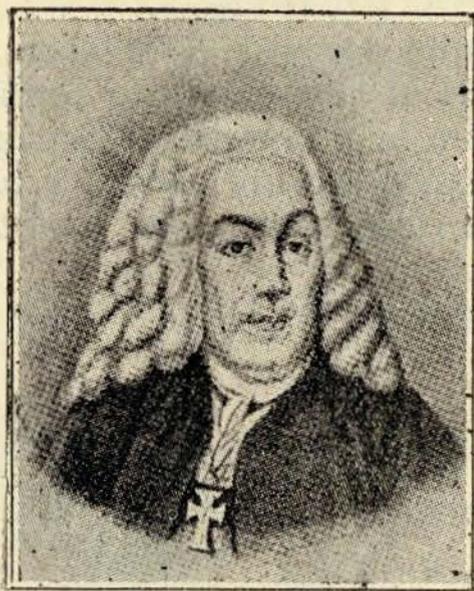
Como sabem, depois de sua vólta para Lisboa, o dr. Seabra da Silva fez ali uma *REPRESENTAÇÃO* à rainha dona Maria I, para que mandasse *declarar aos tribunais e ao Reino-de-Angola, onde se acham registadas as ordens que infamam ao suplicante, e onde mais convier: que ao suplicante se não achou cúlpa, que foi e é inocente...*

Eis aqui a razão por que foi riscado êste assênto; conforme o decreto de 21 de Outubro de 1778, que à margem foi averbado.

Em verdade, o Marquês-de-Pombal foi GRANDE em tudo, mas, no nosso caso presente, não foi o autor da desgraça do dr. Seabra: apenas o executor das ordens de el-rei dom José.

3)—Um mistério que ainda é... mistério

Qual o motivo ou cáusa por que veio desterrado cá para as Pedras-Negras de Pungo-Andongo o doutor José de Seabra da Silva?



...o nosso GRANDE marquês!!!
...o nosso marquês GRANDE!!!

por Pinheiro Chagas, que termina a sua opinião desta maneira:

Pinheiro Chagas reduz a 4 as diferentes versões:

1)—dispênsa do benaplácito-régio,

2)—abusos no seu cargo,

3)—revelação de segredos de estado e

4)—o plano de obrigar dona Maria, depois rainha, a fazer antes a renúncia do trono em seu filho dom José, príncipe da Beira.

Cada uma destas razões é suficientemente rebatida pelos argumentos apresentados

— Enquanto a nós, o mistério do destêrro de José de Seabra da Silva, mistério profundo e insondável, não ficou ainda esclarecido, nem o será de-certo enquanto uma pesquisa atenta e minuciosa nos diversos arquivos não conseguir trazer à luz algum documento desconhecido, que nos possa dizer os motivos dêsse castigo, motivos que nem o Marquês-de-Pombal nem José de Seabra revelaram aos seus íntimos amigos —

Na verdade, o Marquês-de-Pombal, no interrogatório judicial que sofreu no seu destêrro, diz que foi o tal Cardeal-da-Cúnha o causador da desgraça do dr. Seabra da Silva, porque contou a el-rei dom José *um considerável número de anedotas em prejuízo de José de Seabra.*

Por sua vez, o Marquês-de-Rêsende—no *Elogio Histórico* de José de Seabra, o qual foi recitado ou pronunciado na sessão pública da Academia Real das Ciências de Lisboa em dez de Março de 1861,—declara nas anotações onze e doze que viu um trecho do próprio punho do dr. Seabra, onde êste confessava ou afirmava que *foi o Cardeal-da-Cúnha que, para segurar-se, maquinou a minha viagem de Angola.*

Em 1868, António Coutinho Pereira de Seabra e Sousa publicou uma *RESPOSTA* às acusações que Simão José da Luz Soriano fizera a seu avô, mas nas 138 páginas nada adeanta: — *Quais fôssem aqueles factos, é um segredo que provavelmente terá de ficar, como outros muitos, envolto na escuridão dos séculos.*

(Continua)

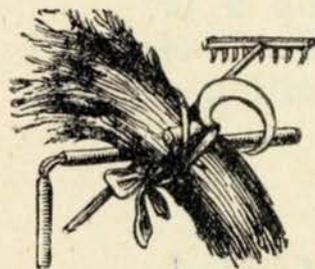


MISCELÂNEA

de

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

O nosso «BOLETIM OFICIAL»...



COM POUCA OU NENHUMA razão, alguém teve a ousadia de nos censurar por, nestas nossas páginas, tratarmos quási só de assuntos velhos e antigos, alguns até velhos e antigos de mais!!!...

Ora... nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

Como sabem, de treze de Setembro de 1845 para a frente—ou seja da fundação, e existência, do chamado *Boletim Oficial* para cá—não faltam, antes abundam, em letra redonda, as narrações dos factos políticos: fácil é tal consúta...

Por motivo especial, às nossas investigações arqueológicas pertence o segrêdo dos arquivos, cujos códices ou livros ou documentos, se não estão... mortos, dormem... um sono inútil: é certo que não lhes damos a vida, porque a têm, mas... acordámo-los e fazemos a sua vulgarização, porque bem a merecem.

Chegamos, por vezes não poucas, a parecer, ou a ser mesmo, impertinente e incansável e constante nas nossas... lamentações, nas nossas . . . campanhas, nos nossos artigos e nótas e... advertências: podem crer, no entanto, que náda mais temos em mira ou fim do que provocar o amor e o estudo do tempo passado, isto-é, recordar aquellas acções brilhantes e exemplares, que, para nossa lição proveitosa, a História-de-Angola deve registar nas suas páginas.

A nossa educação é à moda antiga...

Presídio de MUXIMA,

Março/1933.

Padre RUELA

A prè-história do CONGO-BELGA...

Na revista belga — *CONGO* — do ano de 1932, às páginas 465-484 do tómo I, e 165-189, 325-340 do tómo II, encontra-se publicado um estudo com êste título

CINQ SIÈCLES D'EFFORT COLONIAL

e com êste sub-título

Essai de bibliographie critique d'histoire coloniale.

Tal catalogação é, de facto, curiosa, mas... os nossos vizinhos ali do Congo-Belga, para nos mostrar a vitalidade do seu patriotismo ou expansão colonial, não precisavam de ir para trás de 1885...

Os dois autores, que assinam o tal estudo bibliográfico, — Michel Huisman & Paul Jacquet, — começam a resenha desde um período prè-congolês: os Flamengos nos Açores e no Brasil, os Anvéres e Fernão de Magalhães, Usselinx e a fundação da Companhia Holandesa ou Neerlandesa das Índias Ocidentais...

Tudo lhes serve, para... mostrarem os seus direitos... históricos aventureiros, missionários, corsários e capitães de navios, armadores, pilotos, exportadores, comerciantes ou tratantes, caixeiros-viajantes...

Tal e qual: é um caso semelhante ao do nosso frei Bernardo de Brito, que, na sua *Monarquia Lusitana*, deu princípio à História-de-Portugal na «Creação-do-Mundo»!!!

P. R.

A Inquisição em ... Luanda!!!

Não tenham recêio.. podem ler: não é caso hoje para susto, nem grande, nem pequeno...

Em tempos passados, chegaria até Angola alguma *visitação* do tribunal do Santo-Ofício, que de santo náda teve?...

Certo é que, no tempo do governador João Furtado de Mendonça (1594/1600), *se queimou por sentença de justiça um homem em Luanda, mas não há notícia da culpa, por que mereceu tam violento castigo*: assim diz o Catálogo dos Governadores de Angola, publicado em 1826 pela Academia Real das Ciências de Lisboa.

Em razão do seu ofício, temos suspêita de que praticava o *judaísmo*.

O dr. Henrique Sêco, na lista dos indivíduos suplicados ou condenados à péna última em Portugal & seus Domínios, não traz ou dá êste caso, mas publica a lista dos enforcados por modo atroz, em Luanda, no dia 22 de Março de 1763.

P. R.

A história... repete-se...

Aos Senhores Leitores das suas *Lendas da Índia* o escritor Gaspar Correia chama-lhes a atenção para o seguinte:

—*Nenhuma cousa desta vida humana é tam aproveitável aos viventes que lembrança dos bens e males passados, para do mal nos guardarmos, regendo a vida para neles não cairmos, segundo os bons fizeram...*—

Em tôda a páрте do mundo, e... também aqui em Angola, a HISTÓRIA repete-se!!!...

No ano de 1694, quando a moeda-de-palha, ou *libongos*, foi substituída à força pela moeda-de-cobre, no governo de Henrique Jaques de Magalhães, deu-se na cidade de Luanda uma revolução, sendo arcabuzados cinco *cabeças* do motim...

Também a 30 de Agosto de 1836, a guarnição de Luanda deu cabo do tenente-coronel Lourenço José de Andrade, que era um déspota...

A História repete-se... repete-se... repete-se...

P. R.

Fortaleza-da-Caçandama

O nosso amigo, e também apreciado cultor das letras, sr. Júlio de Castro Lopo, em delicada Cartinha, que, há tempo, nos mandou, dá a seguinte informação relativa à Fortaleza-da-Caçandama:— *O forte de Sam-Pedro está, de facto, a desmoronar-se aos poucos, e com uma tal pontualidade—passe o termo—que dir-se-á o cadáver insepulto dum Gigante a apodrecer à beira-mar...*

Passei por lá, há dias, e, sobre uma pedra, onde ainda se distinguem letras de uma inscrição, alguns labregos comiam sardinhas assadas...

Desejei, naquele momento, ser Todo-Poderoso para obrigar os profanadores a rojarem-se no pó e a beijarem aquela pedra santa que a sua ignorância não sabia respeitar!!!

Faz péna... muita péna... contemplar tal abandono...

Em verdade, o nosso Governo devia olhar com mais interêsse e com mais carinho para os nossos Monumentos Provinciais.—

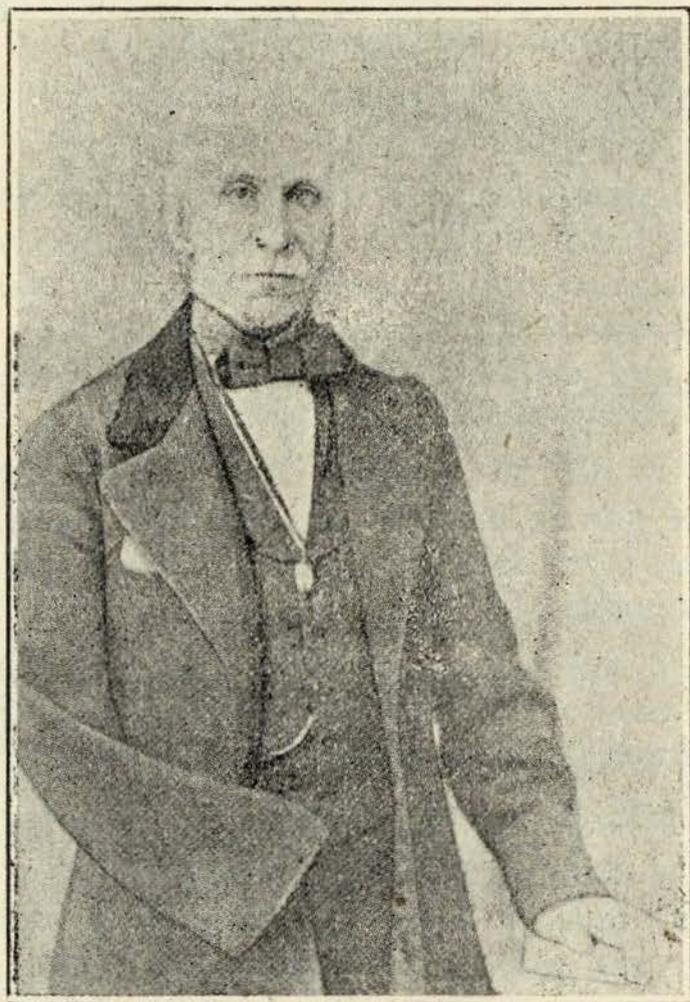
Não largaremos mão deste assunto arqueológico: as fortalezas de Luanda são... documentos de pedra que pertencem também às páginas da História-de-Angola.

P. R.

Angola... Novo-Brasil

Com o facto da Independência do Brasil em 1822. Os políticos de Lisboa, depois de vencido dom Miguel, fixaram dum modo especial as suas atenções cá para a nossa Angola.

Com o incansável Sá da Bandeira à frente, medidas de grande alcãce foram tomadas ou executadas: a aboli-



Sá da Bandeira, cujo livro—*O Trabalho rural africano e a administração colonial*—tivemos a hõna de exgotar no Depósito da Imprensa Nacional de Lisboa, em Dez. de 1928.—P. R.

ção da escravatura legal e o trabalho rural ou agrícola, se não realmente, ao menos aparentemente se combatiam.

Uma nova directiva ou directriz foi imposta à administração pública, não sem combáte, não sem dificuldades gravíssimas nacionais e internacionais!!!

De-certo, vícios ou hábitos crónicos não se largam ou deitam fóra da noite para o dia: mas triunfou a voz da liberdade e da razão e da justiça...

Em tempos passados e remotos, os Governadores de Angola traziam consigo um bem estudado REGIMENTO, de cujas normas não se podiam afastar arbitrariamente: tal medida tinha vantagens, principalmente para a obra de FOMENTO, na sua seqüência natural.

Agora, parece, o programa dos Governadores é... um desfaz o que o seu antecessor fez e... mais náda, ou peor...

P. R.

As micutas... carimbadas

Ao nosso ex.^{mo} Amigo e Senhor Frazão de Vasconcelos, que agora já não faz parte da benemérita Associação dos Arqueólogos do Carmo, em Lisboa, e que nos pediu moedas antigas de Angola para a secção de numismática do respectivo museu, mandamos há três anos algumas de còbre, bem como cédulas e nótas do Banco Nacional Ultramarino e do Banco de Angola, sem esquecer o *pau-a-pique* e as *ritas* do tempo do primeiro e único Alto-Comissário.

Em Angola, isto de... moeda tem sempre o seu... azar!!!

Por exemplo: as micutas-carimbadas tinham um valor dobrado do seu valor primeiro; e, nesta carimbação ou operação, foi feita grossa e criminosa negociata: como sempre, em prejuízo da economia geral e particular da Colónia!!!

Os papéis dos arquivos dizem tudo, quando não os... queimam.

P. R.

Catumbela-das-Ostras

Da mesma sorte que Paulo Dias de Novais com Luanda, também Manuel Cerveira Pereira não foi feliz com a escolha do sítio de Sam-Filipe de Benguela-a-Nova para a séde da capitania.

Por mais de uma vez, o Govêrno da Metrópole pensou na mudança para outro logar melhor ou mais higiênico. —(I Série, página 303).

Sabemos também que Sá da Bandeira mudou o estabelecimento de Benguela-a-Nova, mas só no papel, para Catumbela-das-Ostras, que recebeu então o nome ou crisma de Nova-Asseiceira.

Na verdade, os nossos antepassados não sabiam escolher bons logares para povoações.

Por sua incultura e egoísmo, ainda hoje em dia o comerciante, que vai atrás do negócio e da... morte, abre ou levanta a sua casa em sítios que são condenados por tôdas as leis da hygiene, que são as primeiras e indispensáveis leis da... VIDA.

Por tôdas as razões, não deviam ser também permitidos estabelecimentos comerciais em logares que não têm autoridade civil.

Para bem de todos: pretos & brancos.

P. R.

Os nativos...

Em ciência colonial africana, como sabem, podem ser praticadas, ou têm sido praticadas, três qualidades ou sistemas de política civilizadora indígena:

- I—Política de assimilação,
- II—Política de dominação, e
- III—Política de associação.

A política de assimilação, feita com decretos ou diplomas ou portarias—é, ou foi, um sóho abstracto ou de pouco rendimento, porque *la nature ne fait pas de saut*, quer-dizer, as *mentalidades primitivas* não se mod'ficam assim a golpes rápidos, mas lentamente :

—*Ce n'est pas à coups de décrets, même généreux, que l'on peut modifier les traditions, les formes de civilisations élaborées par les siècles. On ne peut pas les changer plus vite que la couleur de la peau d'une race. Et pourquoi tant désirer les changer? La force du monde est dans sa variété...*
—(Octave Homberg, à página 10 do seu belo livro —*La France des cinq parties du monde*, Paris, 1928.)

A política de dominação, que é praticada ou seguida pelos Ingêleses no sul de África, por ser interesseira ou exploradora, não nos interessa, neste caso.

A terceira política apontada é o sistema hoje seguido pelos Franceses: consiste em associar os próprios indígenas a tôdas as fórmãs da actividade humana, porque na verdade, ciência e virtude não são privilégios da raça branca...

Ora êste sistema ou processo de política associativa, que os Franceses agora praticam nas suas colónias da África Ocidental, dizendo-se dêle inventores ou descobridores, nós, os Portugueses, já o seguimos, aqui em Angola, há mais de 400 anos, bem contados!!!

—*Nunca tiveram os colonizadores portugueses o menor preconceito de raça ou côr... Perante as raças avassaladas, ninguém como nós foi carinhoso e protector; ninguém como nós atraíu e chamou ao convívio os homens de côr diferente da nossa; ninguém como nós os levou a exercer, em todos os ramos, actividades idênticas às nossas, os instruíu, os preparou para funções públicas ou particulares.*

Fizemos dêles padres católicos, professores, médicos e funcionários públicos...—

Não é com pouca malícia que citamos estas palavras do primeiro e único Alto-Comissário de Angola, sr. General Norton de Matos. Como os nossos Leitores podem ver, o tal

discurso de 14 de Setembro de 1923 tinha, ou teve, apenas um fundamento... fantástico.

Infelizmente, *A PROVÍNCIA DE ANGOLA* do sr. General Norton de Matos é um livro tam pouco folheado!!!...

P. R.

A bananeira...

No Brasil, chamam popularmente à bananeira — árvore de pau mole, e à laranjeira ou ao carvalho—árvore de pau duro...

Ora os meus Leitores vão ver como, em 1551, um piloto português, no capítulo em que trata das árvores da ilha de Sam-Tomé, descreve a bananeira:

—Tem igualmente principiado a plantar-se aquella árvore, que se faz tam grande em um ano que parece árvore, e produz cachos com frutos a modo de figos...—

Se uma nota no fúndo da página não nos dissesse — *São as bananeiras* — podíamos formular uma pergunta ou adivinha de almanaque, não é?

A bananeira, dizem os naturalistas, é de origem asiática e não americana.

P. R.

A febre-amarela, em Luanda

No volume III do número especial da *Revista Médica de Angola* consagrado aos trabalhos científicos do primeiro Congresso de Medicina Tropical da A'frica, à página 251, o médico Germano da Silva Correia escreveu o seguinte:

—Foi no decurso do primeiro quadrimestre do ano de 1862 que o vômito negro fez muitas vítimas de elevada categoria, tais como o Bispo da Diocese, dois Cónegos da Sé, o

cirurgião-mór do exército metropolitano em comissão de serviço nesta Província—o dr. Miguel Augusto Jordão da Veiga, falecido em 9 de Fevereiro, em circunstâncias tais que lhe dão direito às palmas de mártir do dever, por haver morrido no serviço e por efeito do mesmo.—

O bispo chamava-se dom Manuel de Santa-Rita de Barros.

Os cónegos: António Firmino da Silva Quelhas, natural da vila de Alpedrinha, no distrito de Castelo-Branco, e Tomás de Aquino Pinheiro Falcão, luandense.

O dr. Jordão da Veiga tinha 30 anos de idade, era viúvo e natural de Vila-Viçosa.

P. R.

Pacaças & Mosquitos

(Causa mortis)

O capítulo terceiro do livro—*La Géographie Médicale*—do professor francês A. Bordier tem este título:

LUTTE DE L'HOMME CONTRE LA FAUNE ET LA FLORE

Aqui na Quiçama, ainda no tempo corrente, as PACAÇAS, quando feridas, são um perigo muito sério!!!

Em 1932, mataram cinco pretos.

OS JACARÉS—quatro.

Junto dos animais grandes, o autor referido põe os MOSQUITOS, que, de facto, são peores inimigos do homem que os bichos... *armados de chifres ou tesoura!!!*

Mosquitos—praga do Egipto ou Nilo...

Mosquitos — praga maldita das margens do rio Quanza...

P. R.

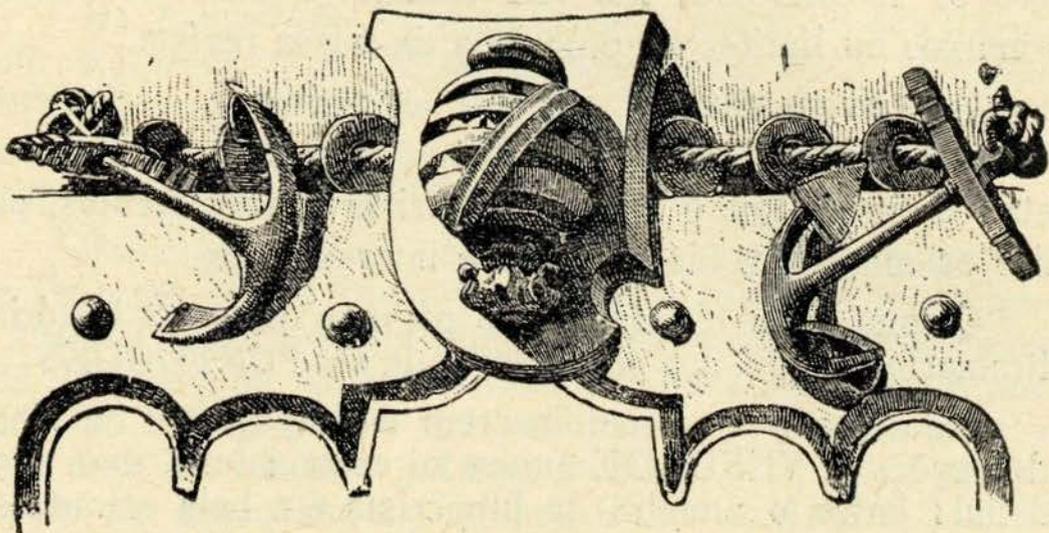
Quitanda de Benguela-a-Nova

(Secretaria Geral de Angola. Livro VI,
Fôlha 23, v. Número 26. Abril de 1791.)

Portaria para o Doutor Juíz-de-Fóra de Benguela,
António da Silva Lisboa, executar o conteúdo nela:

O Doutor Juíz-de-Fóra da Cidade de Benguela António da Silva Lisboa, convocando a Câmara, Nobreza, e Povo, proporá a factura de uma nova Quitanda ou Feira-Pública; e a pluralidade de votos determine o sítio em que ela mais convirá, para a comodidade do Público, da Cidade, dos Embarcadiços e Gente do Sertão...

Nóta do p. B. — *Nos tempos do absolutismo, consultava-se ou convocava-se a Câmara, Nobreza e Povo de Benguela para a construção do seu Mercado-Público. Na escôlha do logar, o Governador impunha tam sòmente, e com razão, que êste jósse de comodidade para tôda a gente e... até para os pretos!!!*



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

— II —

Os Portugueses & os Inglêses

(Alguns factos históricos)

— *Atrás de nós e a nosso exemplo, os povos marítimos do norte da Europa. . vinham em chusma a disputar nos com vantagem o domínio dèsses vastos campos de água, onde antes dominava absoluta e exclusiva a MARINHA PORTUGUESA.*

OLIVEIRA MARTINS

(Ao Ex.^{mo} Senhor Com. ALFREDO RODRIGUES GASPAR, brioso marinheiro e colonial iluminado, consagra e dedica êste modestíssimo estudo um seu obscuro mas sincero admirador: Padre RUELA, missionário secular português.)

INTRODUÇÃO

I — O nosso orgulho de PORTUGUÊS

DE HÁ LONGO TEMPO A ESTA PÁRTE QUE O nosso amor patriótico e literário nos forçou suavemente a estudos coloniais, comparados, da história económica portuguesa; com estas investigações

sôbre os INGLÊSES, vão ver, estamos dentro das estâcas ou marcos ou limites do programa da nossa revista.

Nas circunstâncias em que escrevemos, certamente este esboço não pode ser uma obra-prima de erudição completa; o nosso fim é apenas vulgarizar conhecimentos, por todos os motivos e razões, úteis e interessantes.

Quanto mais estudamos as páginas da nossa história-ultramarina—mais nos orgulhamos de ser PORTUGUÊS...

Maldigam o que maldisserem os impotentes de ideas e de acções, a VERDADE nunca foi escandalosa, nem prejudicial: entre o atoleiro da hipocrisia e a bela estrada da virtude mete-se de permeio um abismo de distância, não acham?

Temos, graças a DEUS, a consciência ilustrada e positiva e real das responsabilidades que às nossas costas carregamos...

Ao lado das palavras sinceras pomos assim as nossas acções ou obras: a nossa FÉ, religiosa e política, por tôdas estas razões físicas e morais, é viva e não morta, é racional e não vegetativa,

2—A diplomacia LUSÒ-BRITÂNICA

Só quem lida ou mexe com assúntos velhos e antigos é que pode fazer idea ou apreciar a riqueza dos arquivos portugueses e também das bibliotecas...

O principal, mas não o único, guía ou orientador dêste nosso trabalho internacional vai ser o II Visconde-de-Santarém: com afoiteza plena podemos acompanhar ou seguir um tam erudito quam autorizado mestre.

Por cima de tudo, está o seu patriotismo sem igual!!!

Temos aqui na nossa frente os tomos 14 a 18 do seu *Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de PORTUGAL com as diversas Potências do Mundo, desde o princípio da Monarquia Portuguesa até aos nossos dias.*

Os tomos 16, 17 e 18, após a morte de seu autor, e com materiais que êle em parte deixou, foram publicados por Luís Augusto Rebêlo da Silva, que por sua vez os acrescentou e traçou as introduções, inferiores bastante às que a péna de Santarém sabia fazer.

Podíamos começar a história das relações diplomáticas de Portugal com a Inglaterra desde o berço da Monarquia: é assúnto curioso e mui interessante; mas deixámos os tempos remotos da Dinastia-Afonsina, para restringir o nosso trabalho à Dinastia-de-Avis, e, nesta, só a partir de el-rei dom João II. em cujo govêrno DIOGO CÃO, nosso patrono, achou ou descobriu as terras: CONGO, ANGOLA, BENGUELA.

Daremos, pois, certo desenvolvimento ou todo o realce possível aos factos históricos marítimos, que se referem à costa ocidental africana, onde chegaram, PRIMEIRO, as naus portuguesas.

3 — O nosso roteiro literário

Em verdade, os Ingêleses, como os Franceses e Holandeses—vieram, todos, atrás ou na rabadilha dos nossos Navegadores da Escola-de-Sagres...

... e com melhor proveito, certamente.

Para facilitar o nosso trabalho, seguiremos, dum modo geral, esta divisão:

PRIMEIRA E'POCA—na Dinastia-de-Avis, a começar com el-rei dom João II,

SEGUNDA E'POCA—durante os 60 anos da Dominação-Filipina, e

TERCEIRA E'POCA—depois da Restauração de 1640.

As E'POCAS subdividem-se em CAPÍTULOS ou reinados e êstes em PARÁGRAFOS.

O nosso ensáio não é uma arénga... política: Portugal precisa e honra-se com a protecção e amizade da Inglaterra, nossa fiel aliáda.

4 — «Os míopes não devem ler a história»

Como missionário ou sacerdote católico, sabemos dar às nossas Navegações & Conquistas o seu justo valor social: sôbre o intuito económico e egoísta, explorador e tutelar, devemos pôr, no lugar merecido e de respeito, que lhe pertence, o aspecto espiritual e civilizador, humanitário e progressista.

Nas suas opiniões, J. Lúcio de Azevedo e António Sérgio não deixam de ser exagerados, por vezes.

No entanto, à sua visão ou conceito materialista do problema histórico podemos conceder uma apreciável indulgência: pretendem dar, mas não conseguem dar, nem pàra o tempo presente, nem talvez pàra o tempo futuro, uma saudável lição aos... políticos da nossa terra.

Pàra mal de nós todos, ainda hoje está muito generalizada a crença, não criteriosa mas fanática ou sebastianista, de que as COLÓNIAS enriquecem ou são para enriquecer a Metrópole...

Dizem os filósofos de tôdas as escolas que não há peor cegueira do que a cegueira intelectual ou moral.

Pàra, em poucas linhas, destruir a... trovejante imbecilidade de certos indivíduos redondamente idiotas, que não distinguem a mão direita da mão esquerda, passamos a citar alguns factos, resumidos, mas preciosos.

5 — Desastres... e mais... desastres

Não é superficial o nosso estudo sôbre as questões históricas coloniais: temos lido muito, não só autores estrangeiros, como nacionais.

Fácil nos é, portanto, expôr os problemas e indicar as soluções, que, através dos tempos, lhes foram dadas, umas —acertadas e outras—desastradas.

Uma consolação nos envaidece: as nações estrangeiras não fizeram mais que nos copiar ou imitar ou seguir, nas virtudes e nos erros.

Mas, como prometemos acima, vamos aos factos...

Começamos já pela empresa de Seuta...

A conquista da praça de Seuta é o erro inicial, ou, por causa dela, se lançou a primeira dívida no livro do *deve-e-haver* da nossa História-Marítima.

Bem sabemos que certas circunstâncias especiais ou militaristas impeliram dom João I para tal empresa, em 1415: vinte e seis anos depois, ou seja em 1441, estavam por pagar as armas, provisões e dinheiro — adeantamentos tomados no Pôrto para se organizar a expedição, de que a cidade reclamava em côrtes o embólso

Nos seus testamentos, dom João I e dom Duarte recomendaram tal pagamento.

Por sua vez, como já citámos noutra logar desta revista, (I Série, páginas 253 e 254) o Infante-dom-Henrique, sim, o PRIMEIRO COLONIAL PORTUGUÊS, morreu empenhado em dívidas.

A morte, em Alfarrobeira, do Infante-dom-Pedro é uma nódoa para a memória do Infante-dom-Henrique, que não quis evitar ou impedir o desastre: se considerarmos que d. Pedro era cabeça do partido anti-africanista, fácil é compreender a atitude de d. Henrique, que não justificá-la.

José Caldas resume assim a vida do Infante-dom-Henrique:

— *Dom Henrique, sobre ter sido em toda a sua vida um HOMEM-DE-NEGÓCIOS, um ávido administrador do Mestrado de-Cristo, foi, acima de tudo, um mau e indigno irmão.*— «História de um fogo-morto», à página XXX da edição de 1904.—

Dom João II, tido por severo ecónomo, não conseguiu nunca igualar despesas e receitas, e morreu como o Infante-dom-Henrique endividado, por si e pelo pai...

O Venturoso, por sua vez, não obstante os tesouros do Oriente, morreu da mesma forma, pungido da lembrança dos crêdores...

A 11 de Junho de 1557, morreu dom João III:—*O tesouro ficava empenhado em grandes dívidas. A Índia continuava a devorar vidas e cabedais. Lá, como no reino, não havia dinheiro...*—

Se quiserem mais próvas, podemos dá-las ou apresentá-las, não fantásticas, mas documentadas.

Factos... nus & vestidos, crus & cozidos!!!

¿ A quem aproveitaram, pois, os nossos Descobrimientos?

Aqui o iremos dizer ou contar...

(Continua)

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

Visado pela Comissão de Censúra

COMPOSTO E IMPRESSO
na TIPOGRAFIA MINERVA
* LUANDA *

“DIOGO-CÃO”

(Continuação)

25)

Muito agradeço a revista *DIOGO-CÃO*, que fez o favor de remeter-me, e da qual tenho em meu poder os números 1 a 5.

O seu assúnto é interessantíssimo e em mim encontra leitor cheio de entusiasmo e gosto, pelo texto e pelas figuras evocativas.

Trazendo para o presente as memórias brilhantes do passado, é obra de alto mérito que faz...

As palavras da apresentação marcam bem as intenções e o sentido da Revista, e calam no ânimo pela sua sinceridade e justiça -- magnífico preâmbulo do assúnto que passa a desenvolver, erudito e instrutivo.

Receba um grande abraço de apreço especial.

(De uma CARTA do sr. Com. H. de Paiva Couceiro.—Santo-Amaro de OEIRAS, Nov. 21-1932).

26)

Recebemos os primeiros números desta revista, dirigida pelo ilustre investigador da História-de-Angola, Padre Ruela Pombo. No seu quasi exílio de Muxima, o Padre Ruela, que tem sido um dos mais ardentes e seguros defensores do património histórico da Colónia, dá-nos um exemplo admirável de perseverança e mocidade de espírito na sua pequena revista, onde, em cada número, são agitados e debatidos factos históricos, que, sem a sua intervenção, acabariam por perder-se ou prostituir-se.

(Da revista *PORTUGAL-COLONIAL*, que o sr. Tenente Henrique Galvão dirige em Lisboa.—Na página 21 do número 22).

27)

D. ANTÓNIO-XAVIER DA GAMA PEREIRA COUTINHO (SOYDOS), Conservador do Registo Comercial no Pôrto, com os seus cumprimentos agradece à V.^a Rev.^{ma}, muito reconhecido, os exemplares da sua tam interessante revista *DIOGO-CÃO*, que teve o amável incómodo de lhe enviar, fazendo votos pela sua longa vida literária, para delêite e elucidação de todos nós.

Ao escrever êste sincero agradecimento, evoca também o poder da tradição e do passado, que, ainda hoje, dá origem à amabilidade e gentileza de V.^a Rev.^{ma} para com uma Família ligada a essa velha Província de Angola, onde, entre outros sítios, os seus membros procuraram bem servir a Pátria, noutrós tempos.

(De um CARTÃO do actual Representante de Paulo Dias de Novais.—Matozinhos, 24 de Out. de 1932).

28)

Esta revista—*DIOGO-CÃO* — *DIOGO-CÃO* — *DIOGO-CÃO* — vem-nos de Angola. É dirigida pelo Rev. P. Ruela Pombo, e destina-se a desenterrar dos arquivos as *velharias* da História-de-Angola. Traz artigos variados e curiosos, que revelam no seu director muita paciência e amor por êstes estudos. Desejamos-lhe muitas prosperidades.

(Do boletim *O MISSIONÁRIO CATÓLICO*, à página 200 da série de 1932).

29)

Como hei-de agradecer à V. o envió regular de sua modesta—mas quam valiosa! — revista histórica, fonte excelente de informações preciosas?

Em primeiro lugar, não sei a que dever tam generosa gentileza; em segundo lugar, não sei como pagar-lha. Venho, no entanto, cumprir o gratíssimo devêr de acusar a recepção dos fascículos até agora saídos, e afirmar que os tenho lido com o maior proveito. V.^a Rev.^{cia} é duas vezes missionário: junto dos pretos — levando-lhes a luz cristã, junto dos brancos ignorantes das coisas da nossa Pátria — levando-lhes a luz de altos e patrióticos conhecimentos.

Bem haja por tam alta compreensão da sua dupla acção missionária.

Deus o ajude sempre para bem dêste nobre Portugal...

(De uma CARTA do Sr. Dr. ALFREDO PIMENTA. Lisboa, 2.^a feira...).